

## **COMUNIDADE QUILOMBOLA FOJO: espaço de resgate, afirmação e (in)sustentabilidade da identidade cultural, em Itacaré-BA**

**QUILOMBOLA FOJO COMMUNITY: space for rescue, affirmation and (in) sustainability of cultural identity, in Itacaré-BA**

**COMUNIDAD QUILOMBOLA FOJO: espacio de rescate, afirmación y (in) sostenibilidad de la identidad cultural, en Itacaré-BA**

**Geomara Pereira Moreno Nascimento  
Milton Ferreira da Silva Junior**

**Resumo:** Este trabalho busca pesquisar no Fôjo, o modo como as relações identitárias foram, estão em construção e suas perspectivas de (in)sustentabilidade, além de identificar quais os entraves encontrados na constituição e permanência dessa identidade e qual é a sua relação com seu universo social. Bauman, conceituando identidade e crise de identidade sinaliza que identidade e a questão de pertencimento, não são características que se perpetuam durante toda a vida. Historicamente a origem dos quilombos está relacionada com o período escravocrata, e intrinsecamente com a fuga dos escravizados das senzalas. O quilombo do Fôjo tem a sua origem a partir da fuga do escravo Alfredo Gomes, em 1880. Os relatórios antropológicos relatam que ele fugiu guiado pelas correntes do Rio de Contas, no contexto da promulgação da abolição. Assim, os negros buscaram preservar suas memórias, tradições, culturas e história, e concomitantemente reconstruir sua identidade, no quilombo, espaço que lhes foi reservado.

**Abstract:** This work seeks to research in Fôjo, how identity relationships were, are under construction and their perspectives of (in) sustainability, in addition to identifying which obstacles were found in the constitution and permanence of that identity and what is its relationship with its social universe. Bauman, conceptualizing identity and identity crisis, signals that identity and the question of belonging are not characteristics that are perpetuated throughout life. Historically, the origin of quilombos is related to the slavery period, and intrinsically to the flight of the enslaved from the slave quarters. The quilombo of Fôjo has its origin from the escape of the slave Alfredo Gomes, in 1880. Anthropological reports report that he fled guided by the currents of Rio de Contas, in the context of the promulgation of abolition. Thus, blacks sought to preserve their memories, traditions, cultures and history, and at the same time reconstruct their identity, in the quilombo, a space reserved for them.

**Resumen:** Este trabajo busca investigar en Fôjo, cómo se estaban construyendo las relaciones de identidad, y sus perspectivas de (in) sostenibilidad, además de identificar qué obstáculos se encontraron en la constitución y permanencia de esa identidad y cuál es su relación con su universo social Bauman, conceptualizando la identidad y la crisis de identidad, señala que la identidad y el tema de la pertenencia no son características que se perpetúan a lo largo de la vida. Históricamente, el origen de los quilombos está relacionado con el período esclavo, e intrínsecamente con la huida de los esclavos de los cuartos de esclavos. El quilombo de Fôjo tiene su origen en la fuga del esclavo Alfredo Gomes, en 1880. Los informes antropológicos informan que huyó guiado por las corrientes del Río de Contas, en el contexto de la promulgación de la abolición. Así, los negros buscaron preservar sus recuerdos, tradiciones, culturas e historia, y al mismo tiempo reconstruir su identidad, en el quilombo, un espacio reservado para ellos.

**Palavras-chave:** Comunidades quilombolas; identidade; pertencimento; (in)sustentabilidade.

**Keywords:** Quilombola communities; identity; belonging; (in) sustainability.

**Palabras clave:** comunidades quilombolas; identidad; pertinência; (in) sostenibilidad.

## INTRODUÇÃO

O campo de estudo desta pesquisa é a comunidade de remanescentes de quilombo do Fôjo, situado em Taboquinhas, zona rural da cidade de Itacaré – BA 654, na região sul da Bahia, conforme Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTDI) publicado em 11/03/2015, a comunidade surgiu após a chegada de um escravo, Alfredo Gomes, e que o fato ocorreu no ano de 1880, quando fugiu da senzala na qual “vivia” e que seguiu o percurso das águas do Rio de Contas. Antropologicamente, “Fôjo” tem origem nas armadilhas montadas nos tempos de Alfredo Gomes.

Então, nesse momento, a utilização do termo quilombo passa ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido desagregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta, como se reconhecendo homem, como se reconhecendo pessoa que realmente deve lutar por melhores condições de vida, porque merece essas melhores condições de vida desde o momento em que faz parte dessa sociedade. (RATTS apud NASCIMENTO, 2007, p. 53).

O quilombo além de ser um espaço de organização social coletivo e de disseminação de saberes, também é símbolo de resistência cultural e política. Eles não só resistem a uma “modernização conservadora” (DE SOUZA PIRES, 2009), mas persistem diante de uma classe dominante, racista e eurocentrada, que prefere invisibilizá-lo, do que reconhecer a sua trajetória e o papel exercido na história do país. Isso se deu de forma cruel, perversa e desumana, e, na contemporaneidade os negros ainda são vítimas de um sistema escravista que lhes negou direitos mínimos a educação e saúde, e o primordial, a liberdade. Portanto, cabe investigar a (in)sustentabilidade de sua resistência, diante das situações atuais desqualificadoras de conflitos socioambientais decorrentes das lutas pela manutenção da sua cultura, religiosidade e práticas agrícolas ecológicas. Logo, o reconhecimento da história dos remanescentes quilombolas, com base na utilização do conceito de sustentabilidade em suas três dimensões – ambiental, econômico e social – poderá captar nuances da percepção e intencionalidades da comunidade sobre seus recursos naturais, costumes e tradições na incorporação destes elementos nos espaços formais e não formais do ensino, são objetivos deste estudo. Além disso, pretende-se analisar como a educação pode fomentar o acesso de comunidades quilombolas às políticas públicas de inclusão social e produtiva.

Os conflitos socioambientais têm como características comuns, o fato de serem induzidos pela escassez de um recurso determinado por distúrbio na sua taxa normal de regeneração, tendo peculiaridades como a existência de impactos diretos ou indiretos de determinadas atividades socioeconômicas. É frequente esses conflitos impactarem

negativamente o ambiente natural: degradação e desequilíbrio ambiental; ameaças à sustentabilidade de áreas físicas, redução da produção agrícola, pauperização, migração populacional, declínio econômico, enfraquecimento das instituições e relações sociais (LIBISZEWSKI, 1992; RIBEIRO, 1995).

## **METODOLOGIA**

Para detectar os interesses / percepção da comunidade do Fojo, foi adotado o método da Pesquisa Ação (THIOLLENT, 1986 e TRIPP, 2006), Técnicas do Grupo Focal (GONDIM, 2003), Rodas de Conversas (SAMPAIO, 2014) e sistematização de tempestades de ideias via mapas mentais (SILVA, 2012) conforme as etapas: (Auto)diagnóstico – a respeito do que OS MEMBROS DO FOJO entendem como prioridade para as intervenções conforme a dos conflitos ambientais, diante dos problemas de depredação socioambiental por eles detectados e sistematizados, em termos de prioridades a redução da insustentabilidade comunitária; Deliberação – sobre uma sistematização da Matriz de Priorização (ZABATELA, 2002) do que se entende como urgente, não urgente versus importante, e não importante em tal priorização a ser testada;

Execução – dos objetivos via estratégias, metas e indicadores de resultados para as soluções apontadas a serem testadas em viabilizar tal insustentabilidade; Avaliação Processual: de todas as etapas anteriores, corrigindo as distorções e otimizando os recursos disponíveis nos “testes” de redução dos conflitos socioambientais integral pelos afrodescendentes, no território demarcado. E por fim, uma análise e síntese do que os participantes aprenderam e ensinaram após os testes de redução dos conflitos e da insustentabilidade comunitária, feitos por essa intervenção.

Assim, durante o processo de escuta, já iniciado, ficou detectado que a oralidade seria uma característica de suma importância, inerente a expressão dos conflitos socioambientais, para entender todos os processos de resistência, afirmação da identidade e resgate das memórias. Pois as falas atuais estão imbricadas de carga ancestral, permeadas de específicas intencionalidades, expressas em linguagens típicas do processo de auto reconhecimento da realidade do Fojo, por eles mesmos. Percebemos que a oralidade tem uma simbologia muito forte, principalmente para os mais velhos, que a utilizam como um mecanismo, código de significados, para materializarem a sua história e os que são ou deixaram de “ser do Fojo”.

Em tradição oral e sua metodologia Vansina (2010, p. 150) define a oralidade “como um testemunho transmitido de uma geração a outra” e a tradição como um “conjunto de estruturas mentais” que constituem as representações coletivas inconscientes de uma civilização, e influenciam todas as suas “formas de expressão ao mesmo tempo que

constituem sua concepção do mundo”, diferentes de uma sociedade para outra (VANSINA, 2010, p. 153).

As comunidades de matriz africana têm uma forma de expressar com riqueza cada elemento da sua ancestralidade. Há um processo conflituoso na maneira utilizada para contar e disseminar a sua história e o seu cotidiano. A tradição oral mantém a sua força nas “narrativas didáticas antigas” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 213). Sendo o campo desta pesquisa uma comunidade de descendentes de quilombos, irrigada de uma história com toda uma carga ancestral, escolheu-se a oralidade como estratégia metodológica, pois os testemunhos responderam aos contatos iniciais e responderão aos aprofundamentos em se deslindar o problema apresentado nesta pesquisa.

Uma análise e síntese via Análise de Conteúdo, a partir da oralidade gravada / transcrita e codificada, quanto ao posicionamento individual / comunitário sobre os conflitos socioambientais a serem avaliados, está relacionado ao conhecimento, crença e comportamento e posicionamento dos “quilombolas” e indicará a percepção deles quanto aos aspectos da insustentabilidade comunitária a serem trabalhadas / superadas (BARDIN, 2011).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi observado um distanciamento relacionado a cultura, costumes e tradições, oriundas de comunidades remanescentes de quilombos que tem sua origem a partir de um período escravocrata que Brasil atravessou. Constatou-se isso, através de conversas com moradores, que residem na comunidade em várias épocas. Algumas com mais de 40 anos de residência, outros que chegaram na fase da infância e outros na vida adulta. O importante é destacar que, independentemente do tempo de residência no quilombo, poucas são as informações que os mesmos têm da sua história.

Conforme informações do presbítero da igreja Sr. A.D, o quilombo do Fojo possui 90% da sua população evangélica. Existe uma igreja evangélica da Assembleia de Deus dentro do Território quilombola e, mesmo que se trate de uma comunidade com descendência e história originariamente africanas, tudo indica um certo predomínio atual da Teologia da Prosperidade, em detrimento de saberes e práticas afro-brasileiras. Pontuamos, também que na comunidade tem uma escola multisseriada, com duas professoras que são da comunidade, elas são evangélicas, e lecionam há mais de 10 anos na escola São Roque II.

No que tange a agricultura percebem-se costumes quilombolas. A produção é de subsistência, e o que excede é comercializado na feira em Itacaré e Taboquinhas. Atividades

como pesca, artesanato, plantações de hortas, a utilização do rio para lavagem de roupas e pratos, produção de farinha e as ervas para cura de enfermidades, ainda são práticas preservadas. Porém, em relação a religião, a moradora mais antiga da comunidade senhora J.F, que reside há mais de 40 anos no Fojo, disse que soube da existência de um Terreiro de Candomblé, mas que foi em uma época antecedente a dela.

O que esta pesquisadora observou e identificou após todas as falas e visitas realizadas na comunidade, e em cada casa, é que embora eles se auto declarem evangélicos e expressem desconhecimento da sua história, eles não perceberam o quanto a cultura, a memória e as práticas estão presentes em seu cotidiano. Não obstante classificarem a religião de matriz africana como “algo do diabo”, pude perceber a memória da senhora J.F, quando relembrou as festas de São João, as rezas, o samba, o caruru ofertado a Cosme e Damião. Pude perceber, neste relato, que foi um período prazeroso para ela. Pois externava o momento vivenciado de forma emotiva, mesmo que após tenha dito que atualmente esteja mais feliz seguindo o evangelho.

## CONCLUSÕES

Considera-se, apesar da negação da própria identidade e história, a Comunidade Quilombola do Fojo cultiva traços fortes do fazer e do ser quilombola e, a escola, por ser um espaço de aprendizagem e saberes, poderá ser um espaço capaz de resgatar a ancestralidade daquela comunidade. Uma educação que ensine a criança a história da constituição do quilombo, dos seus antepassados, pode e deve ser utilizada como um aparelho de resistência e de afirmação da identidade quilombola, enquanto pletora estratégica de resgate, afirmação e sustentabilidade da sua identidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. IDENTIDADE: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BARDIN. L. Análise de Conteúdo. Lisboa\_ Edições 70. 1977. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod\\_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa\\_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDIN%2C%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf)>. Acesso em: 03 de Maio de 2019.

DE SOUZA PIRES, Murilo José; RAMOS, Pedro. O termo modernização conservadora: sua origem e utilização no Brasil. Revista Econômica do Nordeste, v. 40, n. 3, p. 411-424, 2009.

GONDIM, S. M. G. Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Paidéia, 2003,12(24), 149-161. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>>. Acesso em: 03 de Maio de 2019.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Coord.). História Geral da

África. I. Metodologia e pré-história da África. Tradução Beatriz Turquetti. 2. ed. rev. São Paulo: Ática, Brasília, DF: UNESCO, 2010.1 v.

LIBISZEWSKI, Stephan. What is an environmental conflict? Zurich: Center for Security Studies, 1992.

RATTS, Alecsandro J. P. (Re)conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e mobilizações. In: FONSECA, Maria Nazareth S. Brasil, afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Introdução à questão metodológica. In: DIEGUES, A. C. S. Conflitos sociais e meio ambiente: desafios políticos e conceituais. Rio de Janeiro: IBASE, 1995. (Debates).

SAMPAIO, J.; SANTOS, G. C.; AGOSTINI, M.; SALVADOR, M. A. Limites e Potencialidades das Rodas de Conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no Sertão Pernambucano. Interface (Botucatu); 18 Supl 2:1299-1312. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse-18-s2-1299.pdf>>; Acesso em: 03 de Maio de 2019.

THIOLLENT, M., Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação). Disponível em: <[https://www.academia.edu/32028417/Metodologia\\_Da\\_Pesquisa\\_Acao\\_Michel\\_Thiollent](https://www.academia.edu/32028417/Metodologia_Da_Pesquisa_Acao_Michel_Thiollent)>. Acesso em: 03 de Maio de 2019.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (coord.). História Geral da África. I. Metodologia e pré-história da África. Tradução Beatriz Turquetti. 2.ed. rev. São Paulo: Ática, Brasília, DF: UNESCO, 2010.1 v.

ZABALETA, J.P.L. Matriz De Priorização: Uma Ferramenta Para Estabelecer Prioridades. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2002. 40p. (Embrapa Clima Temperado. Documentos,78). ISSN 1516-8840. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/31652/1/documento-78.pdf>>. Acesso em: 03 de Maio de 2019.